

Resumo Crítico: “Why VR/AR Gets Farther Away as It Comes Into Focus”

Aluno: Eduardo Augusto Reinert

O artigo de Matthew Ball oferece uma análise abrangente e realista sobre os desafios que impedem a adoção em massa de dispositivos de realidade estendida (XR), incluindo VR, AR e MR. O autor argumenta que, apesar dos avanços técnicos e dos investimentos bilionários de empresas como Meta, Apple e Microsoft, a tecnologia ainda está longe de se tornar mainstream devido a limitações fundamentais de hardware, software e ecossistema. Ball destaca questões como o peso dos dispositivos, a baixa duração da bateria, a necessidade de altíssima resolução e taxa de atualização para evitar náusea, e a falta de aplicações convincentes que justifiquem o investimento do consumidor.

Concordo com a visão do autor de que os dispositivos XR enfrentam barreiras técnicas e de usabilidade que os tornam inferiores às alternativas existentes, como consoles, PCs e smartphones. A comparação com consoles de videogame é particularmente eficaz: enquanto um PlayStation 5 pode ser grande, pesado e barulhento, ele não precisa ser usado na cabeça do usuário, nem operar com restrições de bateria ou mobilidade. Ball também acerta ao destacar que a falta de um “aplicativo matador” (killer app) e a fragmentação do ecossistema dificultam o engajamento de desenvolvedores e usuários.

No entanto, discordo parcialmente da ênfase excessiva na ideia de que os dispositivos XR precisam “substituir” dispositivos existentes para ter sucesso. Como o próprio autor menciona mais adiante, usando o exemplo do GPS no carro, muitas tecnologias complementam—e não substituem—comportamentos já estabelecidos. Acredito que o sucesso inicial do XR virá justamente de aplicações especializadas (como treinamento industrial, medicina e design) e de experiências sociais imersivas que não competem diretamente com outras plataformas, mas criam novos valores.

Por fim, Ball levanta uma questão crucial: a geração que cresceu com iPads e Roblox está mais preparada para adotar experiências imersivas, mesmo que rudimentares. Isso sugere que, embora o caminho seja longo, a mudança geracional pode ser o catalisador que faltava. O artigo é um alerta necessário contra o otimismo exagerado que cerca o XR, mas também uma reflexão ponderada sobre como e quando essa revolução pode finalmente acontecer.